



LIVRO 25 - A HISTÓRIA DO CÃOZINHO POBRE E DO CÃOZINHO RICO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de uma criança pobre e seu cachorrinho vira-latas e uma criança rica e sua cachorrinha de raça. Narra o modo de vida destes quatro personagens e como eles são felizes dentro do mundo em que nasceram e conheceram. O destino fez com que eles se encontrassem um dia em uma praça e uma grande amizade nasceu entre eles. Eles passaram a brincar juntos, estreitando, ainda mais, a amizade. O livro traça um paralelo de valores entre a pobreza e a riqueza. Porém, quando as famílias descobrem o nível social das crianças, ordenam que se separem. Sem entender as razões, as crianças aprendem, de um lado a humilhação e, do outro lado, a discriminação. Porém, o livro reserva uma grata surpresa no final, quando, muitos anos depois, os dois jovens se reencontram.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Era uma madrugada fria na favela.

Ao longe, se ouvia o primeiro cantar dos galos:

- Cocorocóóóóóó! Cocorocóóóóóó!
- Cucurucuuuuuu! Cucurucuuuuuu!

Os galos cantavam sempre por volta das três horas da manhã. E um galo cantava após o outro numa sinfonia que durava vários minutos.

Na favela, as ruas estreitas de terra estavam vazias. E poucos barracos estavam com as luzes acesas. Entre eles, o barraco de dona Maria.

Do lado de fora, Magrela andava de um canto para outro, gemendo e aflita. Ela procurava um lugar sossegado e quente para se acomodar. Logo encontrou refúgio em uma touceira de bananeira, nos fundos casa de dona Maria.

Magrela sabia que estava na hora de seus filhotes nascerem.

Dona Maria costumava se levantar cedo para fazer o café para Ditinho, seu único filho. Ela levantava muito cedo porque tinha que pegar três conduções até o local onde trabalhava.

Dona Maria ouviu os gemidos de Magrela e foi verificar o que estava acontecendo. E logo percebeu que Magrela daria cria aos cachorrinhos que trazia na barriga. Ela pegou um saco de estopa e deu para a Magrela se deitar.

Ditinho dormia profundamente. Mas, dona Maria teve que acordá-lo:

- Ditinho, a Magrela está dando cria. Fique de olho para que ela não pise ou fique em cima de nenhum filhote. Acorda, menino!

Dona Maria saiu para o trabalho e Ditinho abriu os olhos, dizendo:

- Já vai, mãe! Estou levantando!

Mas, ele se cobriu novamente, virou para o lado e continuou dormindo pesado.

Em seu sonho, via Magrela dar a cria a muitos cachorrinhos, feliz e contente.

Ditinho gostava muito de morar na favela e era feliz ao lado de sua mãe.

Na favela havia muitos outros barracos, mas nenhum era tão bem cuidado e limpo como o de Ditinho. Isto, graças ao extremo cuidado de sua mãe Maria.

O barraco tinha apenas um quarto, onde Dona Maria mantinha uma cama, uma pequena mesa com um pé quebrado e dois caixotes que serviam de cadeiras. No chão de terra, improvisou um fogão à lenha com tijolos onde apoiava as latas que usava para cozinhar.

Do lado de fora, Dona Maria construiu um pequeno banheiro cercado por tábuas. Dentro tinha um buraco no chão que servia de vaso sanitário. Não havia água encanada, esgoto e nem luz na casa de Ditinho.

Dona Maria lavava suas latas, pratos e roupas em uma tábua instalada do lado de fora. Ela pegava água de uma torneira da escola próxima de seu barraco, que carregava em uma lata na cabeça.

A mãe de Ditinho fazia faxina para fora. E ela estava feliz porque conseguia serviços para todos os dias, inclusive aos sábados. Assim, ela podia ganhar um dinheiro extra.

Isto podia ser sentido nas melhorias que Dona Maria fez no barraco. Ela conseguiu comprar um pequeno fogão a gás de duas bocas. Ela comprou até um vaso sanitário para substituir o buraco feito no chão do banheiro. Depois, comprou um pequeno rádio de pilha que era a alegria todas as noites para ela e Ditinho. Eles adoravam ouvir as músicas sertanejas antes de dormir.

Dona Maria sonhava, agora, em poder ter um tanque para lavar roupa e água no banheiro e na cozinha. E quem sabe até, no futuro, ligar a luz, ter uma televisão usada. Se dependesse do seu esforço diário, isto seria um dia possível.

Ditinho ficava no barraco e procurava compensar a ausência de sua mãe arrumando a casa, varrendo o chão e lavando suas roupas, tudo do seu jeito. E fazia o que mais gostava – jogar futebol com seus amigos.

A ‘Tia Severina’, uma vizinha, dava uma olhada de vez em quando em Ditinho, a pedido de sua mãe.

Uma coisa que Dona Maria fazia bem era cozinhar e sempre tinha um prato de arroz, feijão, farinha esperando por Ditinho. Às vezes, dependendo do dinheiro que conseguia, até um ovo frito ou um pedaço de frango ou carne.

Quando isto acontecia, era a maior felicidade de Ditinho que arregalava os olhos e comia até ficar barrigudo.

Ditinho adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado de zinco.

Sua mãe falava que tinha que consertar o telhado E ela fazia isto quando encontrasse folhas de zinco mais novas entre os materiais abandonados das construções.

Mas Ditinho torcia para que ele não encontrasse as folhas de zinco. Ele preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa. A chuva fazia lama no chão do quarto e molhava o colchão onde Ditinho dormia.

Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho do colchão de Ditinho e tudo voltava ao normal.

Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Ditinho achava engraçado o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço.

Ditinho era um menino feliz e alegre. Adorava sua mãe e um era companheiro do outro.

Ditinho gostava de sentar em um banquinho feito com tijolos soltos perto do pequeno fogão, enquanto sua mãe preparava o jantar. Conversavam, faziam planos, ele contava o que tinha feito de bom durante o dia.

E nas ruas da favela viviam, também, Magrela e Malhado, dois vira-latas. Eles eram grandes amigos e nunca se separavam um do outro.

Magrela e Malhado gostavam muito de morar na favela e eram felizes. Lá encontravam muitas crianças para brincar, podiam rolar na terra e viviam em liberdade. Eles encontravam o que precisavam para comer no lixo espalhado por todos os lados.

A amizade de Magrelo e Malhado se transformou em namoro e eles se casaram, ou melhor, acasalaram.

Magrelo dava, agora, cria de cinco filhotes. Todos eram vira-latas. Eles eram muito pequenos e magrinhos. Magrelo não tinha leite suficiente em suas tetas para todos eles. Ela comeu muito pouco na gestação por que o lixo da rua estava pobre em sobras de comida. Ela não tinha ninguém para cuidar dela.

Magrelo cuidava dos pequenos vira-latas na touceira de bananeira no fundo do barraco de Ditinho. Quando chovia, molhava os cachorrinhos. Ela os lambia para secar e estava muito feliz com os seus filhotes.

Os pequenos vira-latas começaram a andar, espalhando-se pelo quintal de terra do barraco de Ditinho. E eles gostavam de se jogar na lama quando chovia. Estavam sempre sujos de terra.

Magrelo tinha que abandonar seus filhotes na touceira de banana para procurar restos de comida nos lixos da favela. Alguns dias, ela encontrava comida, outros não.

Os filhotes cresceram e começavam a andar e remexer em tudo que encontravam. Dona Maria estava incomodada de ver a Magrelo com seus filhotes andando de lá para cá no barraco. Era um lugar muito pequeno. Ditinho e Dona Maria já viviam espremidos lá.

E, um dia, ordenou para Ditinho:

- Ditinho, nós não podemos ficar mais com esta cachorra e seus cachorrinhos aqui em nosso barraco. Procure encontrar alguém que queira ficar com eles! Será bom para todos!

Ditinho ficou triste, mas pediu à sua mãe:

- Mãe, mas eu quero ficar com um dos filhotes, este aqui. Olha que bonitinho!

E dona Maria respondeu:

- Ah! Ditinho. Você não desiste mesmo, não? Bem, pode ficar com um. Mas, eu não quero esta cachorrada por aqui. Eles estão mordendo tudo e o espaço da casa já é muito pequeno! Eu já disse! Ache alguém que queira os outros cachorrinhos.

Ditinho, conformado, tranquilizou sua mãe:

- Está bem, mãe. Eu tenho amigos que querem os outros filhotes.

Magrela perdeu todos os seus filhotes e desapareceu da favela. Alguns moradores disseram que ela seguiu um catador de lixo reciclável junto com sua carroça e saíram por este mundo a fora.

Ditinho deu o nome de Pretinho ao seu cachorrinho vira-latas. Pretinho simplesmente nasceu sem pedigree.

Pedigree? Nossa! O que isto quer dizer?

Pedigree é um registro que prova a linhagem de um cachorro. Ou seja, é um documento que prova que ele é de raça pura, tem uma origem confiável. Enfim, é um comprovante para o comprador do cachorro ter certeza de que comprou um cachorro de raça pura mesmo.

Pretinho cresceu no quintal do barraco, tomava banho no córrego que cortava a favela. Quando tinha mais idade, já se atrevia a andar pelas ruas próximas ao barraco de Ditinho. Ele andava sempre com a língua de fora e com um ar alegre como se estivesse sorrindo.

Pretinho entrava e saía do barraco quanto tinha vontade, comia os restos da comida de Ditinho no seu próprio prato. Ele lambia tudo que o prato até parecia estar limpo. Ele tomava sol, brincava na chuva e, apesar de magrinho, era um cachorro muito feliz. Pretinho, às vezes, aparecia com um osso encontrado no lixo e abria buracos na terra para se divertir.

Ditinho achava graça das brincadeiras de Pretinho. Mas sua mãe ficava desesperada quando ele abria buracos no chão de terra do barraco. Outras vezes, ele estourava o saco de arroz ou feijão que ficava em uma prateleira rente ao chão.

Pretinho dormia na cama protegido pelo abraço de Ditinho. Enquanto isto, Ditinho procurava contar todas as estrelas que via no céu através dos buracos no teto de zinco do barraco, enquanto o sono não vinha. Ele chegou a contar mais de 100 estrelas em uma só noite!

Pretinho olhava para aquelas luzinhas brilhantes sem entender nada. Apenas levantava as orelhas e prestava atenção quando via uma estrela cadente riscar os céus como se fosse um giz de luz. E, assim, os dois dormiam profundamente.

Ditinho não se continha de felicidade com o seu amigo Pretinho.

Do outro lado da cidade, longe da favela, o Doutor Marcelo cuidava de Lana. Ela era uma cachorra da raça Dálmata. Ela também gemia e estava agitada no canil.

Lana vivia no canil junto com Chunk, um cachorro da mesma raça Dálmata. Neste canil se produziam filhotes de várias raças de cães. Mas, os filhotes de dálmatas eram os que mais chamavam a atenção.

Lana e Chunk gostavam muito de morar no canil e eram felizes. Lá encontravam muito conforto, comida à vontade e descansavam o tempo todo. Ficavam contentes quando viam visitantes pelas grades do canil.

Lana acasalou com Chunk e estava agora prestes a dar cria de seus filhotes.

O Doutor Marcelo, Médico-Veterinário, já estava há horas cuidando de Lana. Ele foi contratado pelo dono do canil que queria que tudo ocorresse bem com Lana.

Assim, Lana deu cria de oito filhotes dálmatas, todos lindos e saudáveis. O leite de suas tetas era tanto que espirrava. Lana comeu da melhor ração para cachorros e tomou vitaminas na gestação. Ela tinha uma pessoa no canil só para cuidar dela.

Lana teve os pequenos dálmatas em uma casinha forrada e protegida. Não chovia nos cachorrinhos e tinha uma pessoa que os limpava o tempo todo. Ela estava muito feliz com os seus filhotes.

Os pequenos dálmatas viviam em um canil cercado e olhavam pela grade a chuva cair. Eles queriam se jogar na lama, mas não podiam. Eles precisavam estar sempre branquinhos e limpinhos.

Todos os oito pequenos dálmatas cresciam fortes e saudáveis. Passadas algumas semanas, eles foram colocados à venda. Lana perdeu todos os seus filhotes, vendidos no pet shop de um elegante shopping.

Mas, ela já estava acostumada. Afinal de contas, esta era a quarta cria que tivera em sua vida de criadora.

Em outro bairro da cidade, não muito longe da favela, vivia Lucas. Lucas era um menino rico que vivia em um apartamento de andar inteiro conhecido como mansão flutuante. Dona Wilma era mãe de Lucas.

No bairro onde Lucas morava havia muitos outros prédios de apartamentos e condomínios de casas grandes e bonitas.

As ruas eram asfaltadas, tinha praças e jardins e tudo era iluminado à noite. Os moradores gostavam de andar e correr nos grandes parques, com muitas árvores e lagos de águas limpas.

O edifício onde Lucas morava tinha duas piscinas grandes e quadras para a prática de esportes. O apartamento tinha quatro quartos, vários banheiros, piscina exclusiva e várias salas. E tudo isto com móveis muito bonitos e modernos.

Lucas gostava muito de morar em seu apartamento de andar inteiro e era feliz ao lado de sua mãe e de seu pai.

E foi assim que Lucas, passeando pelo shopping, viu os pequenos dálmatas e pediu para sua mãe:

- Mãe, eu quero este filhote que está na vitrine. Compre para mim! Veja! Ele é todo branco com pintas pretas. Parece o cachorro do filme 'A Guerra dos Dálmatas'.

Dona Wilma gostava de satisfazer as vontades de Lucas, mas alertou:

- Lucas, mas você terá que cuidar dele. A mamãe não tem tempo para isto. Além disto, ele vai ter que ficar dentro do apartamento.

E Lucas concordou:

- Está bem, mãe! Que bom! Vou ter um novo amigo.

E sua mãe procurou valorizar o presente:

- Olha, este é um presente caro. Paguei mil reais por este filhote.

E Lucas se comprometeu:

- Vou cuidar dele com carinho, mãe.

Lucas deu o nome de Mila à sua cachorrinha dálmata. Mila foi registrada oficialmente na associação dos criadores de dálmata e passou a ter registro e pedigree.

Mila vivia no apartamento onde morava em uma casinha linda, toda forrada, comprada no petshop.

Da sacada do apartamento no quarto andar, podia ver a rua e ficava olhando o sol, a chuva e alguns vira-latas que circulavam pelo local. Apesar de gordinha, era uma cachorra muito feliz.

Mila, às vezes, mordida pedaços de sapatos ou os pés das cadeiras para se divertir. Andava sempre devagar pelo apartamento e era feliz.

Mila dormia sozinha em sua linda e luxuosa casinha. A noite era uma escuridão completa no apartamento. Ela não podia fazer barulho para não incomodar os vizinhos.

Lucas achava graça de Mila e suas brincadeiras> Mas, Dona Wilma ficava aborrecida quando ela fazia buracos nos estofados das cadeiras ou nos sofás do apartamento.

Lucas não se continha de felicidade com a sua amiga Mila.

E é neste cenário que acontece a história dos dois cachorrinhos e duas crianças que se conheceram por acaso e desenvolveram uma grande amizade.

Ditinho e Lucas cresceram, cada um em seu mundo, vendo o crescimento de Pretinho e Mila.

Ditinho fez sete anos de idade. Chegou o dia de Ditinho ir para a escola. Ele pegou um caderno, caneta e lápis novos que Dona Maria conseguiu comprar e foi feliz para o seu primeiro dia de aula em uma escola da favela.

Ditinho não teve nenhuma dificuldade de encontrar sua sala de aula e sua professora. A escola de lata tinha apenas uma sala de aula e uma única professora.

Ditinho não via a hora de chegar o intervalo para lanche e comer os dois biscoitos de chocolate como merenda. Dona Maria comprou um pacotinho de biscoito que deveria durar toda a semana.

Ditinho estava muito feliz. Gostava de sua professora e de sua escolinha. Quando chovia o barulho da chuva nas telhas de zinco não deixava os alunos ouvirem o que a professora falava. Mas, a chuva logo passava e a aula voltava ao seu normal.

Ditinho crescia esperto. Conseguia aprender a ler e fazer contas.

Ditinho, depois das lições de casa, não tinha nada para fazer e podia brincar com os seus amigos na favela. Ele gostava de jogar futebol e jogava muito bem.

Lucas fez seis anos. Chegou o dia de Lucas ir para a escola. Ele colocou uma mochila nas costas com vários cadernos, jogos de canetas e lápis e livros que Dona Wilma encomendou da papelaria.

E lá foi ele todo feliz para o seu primeiro dia de aula em uma tradicional escola do bairro.

A escola era grande e bonita, com várias salas de aula e jardins com muitas árvores, flores e gramados.

Lucas teve dificuldade de encontrar sua sala de aula e sua professora. Mas, logo foi orientado por monitoras que o acompanharam até sua classe e o entregou à professora. Eram muitas salas de aula e muitas professoras.

Lucas nem se lembrava do intervalo para o lanche. Havia tomado um farto café da manhã. Mas, Dona Wilma, sempre zelosa, também preparou uma merenda e sua lancheira estava cheia de coisas gostosas. Tinha bolo, iogurte, chocolate, barra de cereais e pão com salame e um suco de laranja.

Lucas estava muito feliz. Gostava de sua professora e de sua escola. Lucas não conseguia ver se estava sol ou se chovia. As janelas eram altas e todas as salas de aula tinham ar condicionado.

Lucas também crescia esperto. Aprendeu a ler e fazer contas, além de aprender o idioma inglês.

Lucas tinha muitas lições de casa para fazer e não tinha muito tempo para brincar com os seus amigos. Mas, ele se divertia quando ia para as aulas de inglês, tênis, judô, natação e piano.

Certo dia, Ditinho avisou Dona Maria:

- Mãe, eu vou levar o Pretinho para passear na praça. Eu amarrei esta cordinha no pescoço dele e ele está aprendendo a me obedecer. Já, já volto.

E, no mesmo dia, Lucas avisou Dona Wilma:

- Mãe, eu vou levar a Mila para passear na praça. O treinador a ensinou muito bem a obedecer ao meu comando! Um sinal que eu faço na guia e ela logo entende. Já, já volto!

E foi assim que Lucas se encontrou com Ditinho e Mila se encontrou com Pretinho na praça que ficava entre o bairro rico e a favela.

Quando se encontraram, Lucas perguntou:

- Oi, qual o seu nome?

Ditinho, um pouco envergonhado, respondeu:

- Ditinho.

Lucas continuou perguntando:

- E o nome de seu cachorro?

Ditinho todo animado respondeu:

- Pretinho. E o seu?

Ouvindo a resposta de Lucas:

- Lucas! E esta é minha cachorra Mila.

Ditinho estava encantado com a pequena dálmata:

- Nossa, como a Mila é bonita. Toda branca com pintas pretas. Parece até cachorra de cinema.

E Lucas foi gentil com ele:

- O seu cachorro é muito bonito também. Eu gosto de cachorro todo pretinho.

Então, Lucas observou:

- Veja! Os dois estão se cheirando.

E Ditinho ficou curioso:

- Por que será que os cachorros cheiram o bumbum do outro?

E Lucas sugeriu:

- Não sei, mas vamos perguntar para nossas professoras?
Com a imediata concordância de Ditinho:

- Vamos!

O encontro dos quatro na praça se repetiu por algumas vezes.

Em casa, Lucas falava com sua mãe, todo animado com seu encontro com Ditinho:

- Mãe, eu conheci um amigo legal na praça. Ele tem um cachorro todo pretinho e seu nome é Ditinho. A gente brinca, um corre atrás do outro. Ele me ensinou fazer bola com papel e barbante e jogamos futebol. A Mila fica brincando com o Pretinho. Eles fingem que estão brigando, mordem um ao outro, se jogam na grama. A Mila está muito feliz com o seu amigo Pretinho e eu estou muito feliz com o meu amigo Ditinho.

E Lucas ouviu de sua mãe:

- Lucas, estas brincadeiras são boas, mas não se esqueça que você tem muita lição de casa. Além disto, você tem as aulas de inglês, tênis, judô, natação e piano.

Respeitando sua mãe, Lucas respondeu:

- Eu sei mãe. Mas, vou fazer tudo isto e levar a Mila para passear na praça de vez em quando.

E Ditinho falava com o mesmo entusiasmo com Dona Maria sobre o seu novo amigo:

- Mãe, eu conheci um amigo legal na praça. Ele tem uma cachorra branca com pintas pretas. Ela se parece com aquela cachorra do filme da televisão, lembra-se? A gente brinca, um corre atrás do outro. Ele achou legal a bola de papel. Mas, não sabe jogar futebol. Nunca jogou futebol antes. Mas, ele diz que joga tênis muito bem e que sabe nadar na piscina. Ele até me deu um golpe de judô e me jogou no chão. Mas, tudo de brincadeira. O Pretinho está muito feliz com a sua amiga Mila e eu estou muito feliz com o meu amigo Lucas.

E Ditinho ouviu de sua mãe:

- Ditinho, estas brincadeiras são boas, mas não se esqueça que você tem que fazer sua lição e me ajudar aqui em casa.

Respeitando sua mãe, Ditinho respondeu:

- Eu sei mãe. Mas, vou fazer isto e levar o Pretinho para passear na praça de vez em quando.

Na aula, Ditinho e Lucas procuraram saber de suas professoras por que os cachorros cheiram o bumbum um do outro.

Quando se encontraram novamente, Lucas perguntou:

- Ditinho, perguntou para sua professora sobre os cachorros?

- Sim. Ela me explicou direitinho. Os cachorros cheiram o bumbum um do outro e, também, a urina e as fezes, como uma forma de gravar em suas memórias o cheiro de cada um. É a forma que eles têm de conhecer seus amigos. Assim, quando eles se encontram um já sabe quem é o outro. Assim, eles ficam amigos para sempre.

Lucas gostou da resposta e complementou:

- A minha disse a mesma coisa. Ela disse, também, que os cachorros fazem isto para conhecer informações sobre os outros cachorros. Eles usam este conhecimento para várias coisas, como: marcar o seu território, saber qual cachorro andou pela área, seguir a trilha para encontrar outros cachorros, deixar recados para os outros cachorros. Por exemplo, quando um cachorro levanta as perninhas e faz xixi no poste ou em uma árvore, ele está querendo dizer que este território é meu ou eu passei por aqui. Assim, os outros cachorros, que já conhecem o seu cheiro, logo entendem a mensagem.

Ditinho respondeu, rindo:

- Ah, ah, ah! Que engraçado! Ainda bem que não precisamos fazer isto!

- É verdade! Replicou Lucas.

E Lucas olhou carinhosamente para Ditinho e disse:

- Ditinho, você é o meu melhor amigo. Eu gosto muito de você!
- Lucas, você também é o meu melhor amigo. Eu gosto muito de você, também!

E Lucas quis estreitar sua amizade por Ditinho e disse:

- Por que você não vem me visitar um dia lá em meu apartamento?
- Vou sim. E você, por que não vem me visitar um dia lá em meu barraco na favela?

Pretinho e Mila se olharam como querendo dizer a mesma coisa.

Para demonstrar sua amizade por Ditinho, Lucas deu-lhe de presente brinquedos que não usava mais. Ditinho adorou seus presentes, um trenzinho, um carrinho de controle remoto e um quebra-cabeça.

Para demonstrar sua amizade por Lucas, Ditinho deu-lhe de presente dois brinquedos que tinha - um carrinho de madeira, que ele mesmo fizera com sobras de caixotes, com rodinhas feitas de tampinhas de garrafa, e a sua melhor bola de meia.

Alguns dias depois, Lucas aproveitou o passeio na praça com Mila para conhecer onde Ditinho e Pretinho moravam. Ditinho e Pretinho também foram conhecer onde Lucas e Mila moravam.

Lucas se encantou com o mundo da favela. Achava diferente do elegante bairro onde morava. Ele achou tudo muito alegre. As casas eram feitas de madeira uma encostada na outra, as ruas eram de terra, havia crianças brincando por todos os lados, rindo e gritando. Nas ruas podia ver cachorros, gatos, galinhas e até patos. Um córrego cortava toda a favela. Uma carroça puxada por um cavalo chamou sua atenção. Era a primeira vez que ele via a carroça de um catador de material reciclável.

E Ditinho apresentou Lucas à sua mãe:

- Mãe, este é Lucas, o meu melhor amigo. E esta é Mila, sua cachorrinha. Aquela cachorrinha que falei que parecia artista de filme.

Dona Maria ficou surpresa. Não imaginava um menino como o Lucas e uma cachorra como Mila visitassem o seu barraco,

Lucas sentou-se em um caixote de madeira e tomou um suco de groselha servido por Dona Maria e gostou muito. Ela chegou a oferecer um dos biscoitos de chocolate de Ditinho, mas Lucas não estava com fome.

Ele achou engraçado o barril de latão onde Dona Maria colocava água para lavar a louça. Quando viu o banheiro do lado de fora ficou curioso para saber como Ditinho ia ao banheiro quando era noite.

Mila aproveitou para dar uma volta no barraco e chegou até tomar um banho rápido no córrego de água suja. Ela voltou com a boca aberta e a língua para fora com um ar alegre.

- Legal sua casa, Ditinho! Como é bom morar em uma casa e ver as pessoas passarem, os cachorros andarem nas ruas, as crianças brincarem o tempo todo, o riozinho passar ao lado da casa e todos estes bichinhos pelas ruas.

Depois que Lucas e Mila foram embora, Dona Maria chamou atenção de Ditinho:

- Ditinho, eu acho melhor você não trazer este seu amigo novamente em nosso barraco. Ele é um menino de família de gente fina. A mãe deste seu amigo Lucas não vai gostar nada, nada disto. Ela pode achar ruim com você ou até vir aqui tirar satisfação. Nós não somos do nível deles. Até o cachorro deles tem um nível social melhor do que o nosso Pretinho. Mais tarde ou mais cedo você vai sofrer com esta amizade. Está entendendo?

E Ditinho, surpreso e triste, respondeu:

- Não, mãe. Eu não consigo entender. Mas vou fazer o que a senhora está mandando.

Dona Maria ordenou ao Ditinho que devolvesse os brinquedos de onde ele tinha retirado. Ela tinha receio de ter problemas com a mãe de Lucas ou alguém achar que Ditinho pegou estes brinquedos sem ordem.

Porém, como havia prometido, Ditinho faria uma visita ao apartamento de Lucas e Mila. Ditinho se encantou com o bairro elegante. Achava diferente da favela onde morava. Ele achou tudo muito bonito. As casas e os prédios eram enormes, com jardins e muitas árvores. As ruas eram asfaltadas, as calçadas cimentadas e com espaços para flores.

Mas não havia crianças brincando por todos os lados, rindo e gritando.

Nas ruas não via cachorros, gatos, galinhas ou patos. Igualmente, não havia um riozinho de água verde. Mas, pode ver muitas piscinas com água clarinha, clarinha. E passava cada carrão! Mas, Ditinho não conseguia ver quem estava lá dentro. Estava tudo escuro dentro do carro.

Ao chegar ao prédio onde morava Lucas foi atendido pelo Porteiro:

- O que você quer aqui menino?
- Eu vim visitar o Lucas e a Mila. Ele me convidou.
- Mas, aqui não pode entrar menino de rua e cachorro vira-lata!
- Mas, moço, foi o Lucas que me convidou!

Com a insistência de Ditinho, o Porteiro resolveu ligar para a mãe de Lucas:

- Dona Wilma, está aqui na Portaria um menino chamado Ditinho com um cachorro vira-latas querendo visitar o Lucas. Posso mandar entrar?

Dona Wilma chamou por Lucas:

- Lucas, está aí na Portaria o seu amigo Ditinho com um cachorrinho! Vá lá ver o que ele quer.

Lucas ficou contente com a visita de Ditinho e de Pretinho:

- Oi, Ditinho, oi Pretinho. Que bom que vocês vieram. Vamos entrar.

Dona Wilma ficou surpresa. Não imaginava um menino como o Ditinho e um cachorro como Pretinho visitarem o seu apartamento de andar inteiro.

Ditinho sentou-se em um luxuoso sofá e tomou suco de laranja, comeu uma fatia de bolo, servidos por Dona Wilma e gostou muito.

Ele achou tudo muito bonito e moderno. Ele achava engraçado morar em uma casa que ficava em cima de outras casas. Quando viu o banheiro do lado de dentro pensou como era fácil para Lucas ir ao banheiro à noite.

Pretinho aproveitou para dar uma volta no apartamento e chegou até tomar um banho rápido na piscina da varanda, molhando um pouco o chão da sala. Ele voltou com a boca aberta e a língua para fora com um ar alegre.

E mostrou todo o seu entusiasmo e alegria ao seu amigo Lucas:

- Legal seu apartamento, Lucas! Como é bom morar em uma casa no alto e ver os carros passarem lá em baixo, os cachorros passearem presos nas correntes, as crianças entrarem nos ônibus escolares. E que linda esta sua piscina! Parece uma lagoa azul e a água é tão limpinha que dá até para beber.

Depois que Ditinho e Pretinho foram embora, Dona Wilma chamou atenção de Lucas:

- Lucas, eu não quero que você brinque ou traga este seu amigo novamente em nosso apartamento. Ele parece um menino de rua. Deve morar até em favela e sua mãe logo, logo virá pedir coisas para nós. Eles não são do nosso nível social. Até o cachorro deles é um vira-latas, vive na rua. Mais tarde ou mais cedo você vai sofrer com esta amizade. Vou pedir ao porteiro para não deixar mais este menino entrar. Está entendendo?

- Não, mãe. Eu não consigo entender. Mas vou fazer o que a senhora está mandando.

E quanto aos brinquedos que Lucas ganhara de Ditinho, a reação de Dona Wilma não foi muito diferente. Ela ordenou a Lucas que devolvesse os brinquedos recebidos. Ela não queria coisas velhas em casa. Ela achou que os brinquedos não combinavam com a decoração do quarto de Lucas e da casa.

Ditinho não entendeu as razões de sua mãe, mas aprendeu o que era humilhação.

Lucas não entendeu as razões de sua mãe, mas aprendeu o que era discriminação.

E os quatro amigos se encontraram na praça para o que poderia ser o último encontro deles.

E Lucas iniciou a conversa, um pouco constrangido, procurando dar uma desculpa:

- Ditinho, eu agradeço seus presentes, mas fique com eles de volta. As rodinhas do carrinho estão arranhando o piso de madeira do meu quarto. E no prédio não é permitido jogar com bola de meia. Mas, eu fiquei muito contente por ter recebido estes presentes.

E Ditinho respondeu, não conseguindo esconder sua tristeza:

- Lucas, eu também agradeço os seus presentes, mas gostaria que você também ficasse com eles. Lá em casa, o chão é de terra, às vezes está molhado. O trenzinho, o carrinho de controle remoto e o quebra-cabeça vão acabar se estragando. Mas, valeu! Nenhuma criança na favela tinha visto brinquedos tão bonitos.

Mila e Pretinho se cheiravam, lambiam um o focinho do outro, como presentindo uma separação.

- E quando nos vemos novamente? Perguntou Lucas.

- Não sei. Minha mãe quer que eu faça alguma coisa para ajudar nas despesas da casa. Talvez eu vá catar latinhas de alumínio para vender. Respondeu Ditinho.

- Eu também não sei. Minha mãe quer que eu fique mais em casa para estudar. Completou Lucas.

Os dois amiguinhos se separaram. Os dois cachorrinhos não se viram mais.

Ditinho e Lucas eram duas crianças. Elas não sabiam o que é nível social, diferenças de classe, o que é ser rico ou pobre. Elas eram iguais na alma e no coração. Elas se identificavam pela vontade de brincar juntas, se jogar no chão, simular lutas, brincar de esconde-esconde, polícia e bandido, jogar bola, levar seus cachorros passear.

Nas semanas seguintes, Ditinho até procurou por Lucas na praça. Mas, infelizmente, não o viu mais. Pretinho cheirava o chão para encontrar algum cheiro de Mila, mas em vão. Os dois voltavam tristes ao barraco na favela.

Lucas, do alto de sua varanda, até procurou por Ditinho, entre as crianças que andavam pela rua. Mila saía de vez em quando do sofá e ia até a varanda procurar por Pretinho entre os cachorros que passeavam nas calçadas, mas em vão. Os dois voltavam tristes ao confortável sofá da sala.

Dona Wilma começou a perceber uma alteração de comportamento em Lucas. Ele vivia triste, cumpria seus compromissos escolares sem entusiasmo. Até a Mila parecia acompanhá-lo nesta tristeza.

E esta tristeza de Lucas se repetia todos os dias.

Lucas sempre fora um menino retraído e tinha poucos amigos e, talvez, nunca teve um amigo verdadeiro. Com Ditinho foi diferente. Ele sentia que Ditinho gostava dele pelo que ele era de verdade, com suas qualidades e defeitos. Era uma amizade sem interesses.

E Dona Wilma sempre soube disto e tinha percebido que Lucas se transformara em outro menino desde que conheceu Ditinho. E se transformou para melhor.

Dona Wilma era uma mulher de personalidade forte, mas era controlada. Entretanto, se era uma coisa que Dona Wilma não conseguia suportar era ver seu querido e único filho ficar triste. E ela concluiu:

- Ele ficou assim desde o dia em que se separou de seu amigo Ditinho. Eu preciso fazer alguma coisa!

Na favela, Dona Maria também estranhava a tristeza que se abateu sobre Ditinho. Ele sempre foi um garoto alegre e feliz. Agora, ficava quieto, preferia ficar sozinho. Saía com o seu carrinho de mão, mas voltava com poucas latinhas de alumínio. Deixou de jogar bola com os seus amigos. E, também, achou que esta mudança de comportamento tinha algo haver com o fim da amizade com Lucas.

Por incrível que pareça, até Mila e Pretinho estavam diferentes. Pretinho ficava o tempo todo deitado na soleira da porta, nem se incomodando quando os pombos vinham beber de sua água ou comer o pouco de arroz e feijão que estava em sua tigela. Mila preferia ficar na varanda do apartamento o tempo todo, com um olhar perdido na rua.

Um dia, um carro de luxo parou na favela. Uma senhora fina e bem vestida desceu procurando pela casa de Dona Maria e Ditinho. Ao achá-la, bateu palmas e foi atendida por Dona Maria, dizendo-lhe:

- Bom dia! A senhora é Dona Maria?

- Sim, senhora! Respondeu Dona Maria muito surpresa e até assustada.

- Eu sou Wilma, a mãe de Lucas e vim aqui devolver os presentes que ele tinha dado ao seu filho. Acho que houve algum mal entendido. Além disto, eu vim convidar o Ditinho para a festa de aniversário do Lucas. Por favor, eu gostaria muito que ele fosse. O Lucas vai ficar muito contente.

Dona Maria, com lágrimas de mãe nos olhos e compreendendo o papel de mãe que Dona Wilma também estava fazendo, respondeu:

- Ditinho irá com certeza. Ele ficará muito feliz! E a senhora devolva para o Lucas os presentes que o Ditinho lhe deu. Fica valendo como presente de aniversário!

- Muito obrigada. O Lucas vai ficar muito contente! Respondeu Dona Wilma.

As duas mães se abraçaram e nem se preocuparam em esconder suas lágrimas de emoção.

Os encontros na praça entre Lucas e Ditinho, acompanhados de Mila e Pretinho, se repetiram mais alguns anos. Estes encontros foram interrompidos quando Lucas viajou de férias com seus pais para a Europa. Ele ficou ausente pelo período de 30 dias.

Neste período, Mila ficou hospedada em um hotel de luxo para cachorros. Lá ele fazia muito exercícios e uma dieta alimentar. Mila estava muito gorda, poderia ter problemas de saúde.

Se Pretinho pudesse falar, com certeza diria: “Eu estou triste pela Mila. Se ela andasse e corresse solta como eu e se não encontrasse sua cumbuca sempre cheia de ração e não comesse demais, ela estaria mais magra e mais saudável”.

Entretanto, no retorno de suas férias, Lucas não encontrou mais Ditinho e nem o Pretinho na praça. Ele procurou por eles na favela e o barraco havia sido vendido a outros moradores.

Lucas ainda voltou mais alguns dias à favela, mas ninguém dava informações seguras sobre Ditinho e sua mãe. Um dos moradores chegou a falar que vira, apenas, uma camionete parar na porta da casa e carregar uma mudança.

Lucas chegou a procurar pela Tia Severina, mas ela voltara para o Nordeste para morar com uma de suas filhas.

Lucas ficou preocupado e intrigado com este desaparecimento repentino de Ditinho. Ele ficou até magoado com Ditinho por ter se mudado sem falar nada e dizer adeus.

O que Lucas não sabia é que Ditinho havia escrito um bilhete para ele e deixado na Portaria do prédio onde Lucas morava. Mas, este bilhete nunca lhe foi entregue. O Porteiro cometeu um engano proposital...

Neste bilhete, Ditinho dizia:

“Meu grande amigo Lucas. Recebi proposta de uma grande oportunidade profissional fora de São Paulo e estou me mudando com minha mãe e Pretinho. Vou sentir muito a sua falta. Mas, assim que puder, darei maiores notícias. Desculpe-me de não me despedir pessoalmente. Mas, tive que viajar às pressas por causa do calendário esportivo. De seus amigos Ditinho e Pretinho”.

Muitos anos se passaram. Lucas e Ditinho agora eram dois jovens. Os dois amigos não tinham se visto ou falado mais.

Um dia, Lucas foi ao estádio de futebol de seu time do coração. Era um clássico, mas haveria um jogo de abertura era entre os times juvenis das duas seleções.

No time juvenil de seu coração, Lucas viu um rosto que lhe era familiar. Quando o jogador chegou perto, ele não teve dúvidas e gritou:

- Ditinho, Ditinho. Sou eu, Lucas!

Ditinho parou a jogada, ficou paralisado olhando fixo para o alambrado. Com passos lentos e automáticos foi em direção do rapaz que gritava seu nome. Ele nem ouviu o juiz apitar, mostrando o cartão vermelho e expulsando-o do jogo.

- Lucas, Lucas, mas que surpresa meu amigo! Você por aqui? Como está grande e forte! Disse Ditinho com grande alegria nos olhos.

- Gordo, você quer dizer! Você também, meu amigo. Está grande e, pelo que vejo, se tornou um jogador de futebol. Respondeu Lucas.

- É verdade. Eu estou no juvenil, mas logo estarei no time profissional. E você? Perguntou Ditinho.

- Eu estou fazendo medicina. Vou me formar e ser um médico o ano que vem. Esclareceu Lucas.

- Puxa, mas que bom! Você sempre estudou demais. Quanto tempo se passou, não? Disse Ditinho olhando o seu antigo amigo com todo carinho.

- Sim, mas quer saber de uma coisa? Até hoje eu me lembro de nossos passeios na praça, com o Pretinho e a Mila. Respondeu Lucas sem esconder sua emoção.

- Nossa, eu também. Muitas vezes eu pensei em você e imaginava o que estaria fazendo e como estaria a Mila. Disse Ditinho

- Mas, o que aconteceu que você sumiu de repente? Perguntou Lucas.

- Você não recebeu meu bilhete? Respondeu Ditinho.

- Bilhete? Que bilhete? Não recebi nenhum bilhete ou recado seu. Explicou Lucas.

- Meu Deus! Eu tinha certeza que entregaram o bilhete para você. Eu o deixei na Portaria. Bem, eu sempre soube que aquele Porteiro não ia muito com minha cara! Disse Ditinho revoltado.

- Mas, o que aconteceu? Insistiu Lucas.

- Eu recebi uma proposta de um time de futebol do interior para compor a seleção juvenil. Eles gostaram do meu futebol. Disseram que eu jogava bola muito bem. E aqui estou eu! E por falar em Mila, como ela está? Deve estar muito velha! Perguntou Ditinho.

- É verdade. Mila está velha e gorda. Ela tem problemas de coração. O veterinário disse que ela era uma cachorra para viver em lugares de campo aberto e não em um apartamento. E Pretinho? Ainda está vivo? Quis saber Lucas.

- Sim, mas também está muito velho. Ele está cheio de pelos brancos, principalmente no focinho. Ele passa todo o tempo deitado na soleira da porta da minha casa. Ele foi atropelado uma vez quando eu morava na favela e quebrou uma das pernas. Respondeu Ditinho.

- Cachorros vira-latas que vivem perambulando pelas ruas são assim mesmo. Todos acabam atropelados nas cidades grandes, mais cedo ou mais tarde. E onde você está morando agora? E como está Dona Maria? Perguntou Lucas.

- Eu comprei uma casa para minha mãe. Agora ela não precisa mais fazer faxina, virou uma 'administradora do lar'. Minha mãe está bem. Mas, de vez em quando, ela sente saudades de suas amigas da favela. Ela diz que o pessoal da cidade vive muito isolado e as pessoas quase não falam umas com as outras. Ela acha que a vida na favela era mais animada e as pessoas mais amigas. E pretinho está cheio de mordomias. Agora ele tem até ração para cachorro e não precisa mais procurar comida na rua. Disse Ditinho sorrindo e realizado.

Ditinho, como jogador de futebol, começou a ganhar um bom dinheiro. Com o tempo, ele poderia comprar até uma casa maior ou um apartamento de luxo.

Mas, não era este o seu pensamento. Na primeira oportunidade, ele queria comprar uma área de mata para preservação da fauna e da flora. Ele sempre sentiu saudades dos pássaros que via na favela e dos bichinhos que animavam os terreiros por lá.

Naquela tarde, os dois amigos se encontraram para comemorar o reencontro. Eles se abraçavam, riam de tudo.

De vez em quando, eles fingiam dar socos um no outro, como faziam no tempo de crianças. Aproveitaram para falar de suas namoradas, de seus planos para o futuro, relembrar as travessuras de Mila e Pretinho.

Os dois se comprometeram a se ver de vez em quando para matar a saudades e manter a amizade.

Eles combinaram, também, trazer Pretinho e Mila no próximo encontro para ver se um ainda se lembrava do outro.

Lucas e Ditinho somente não se lembravam mais por que um tinha se afastado da vida do outro quando eram crianças...

Ditinho esquecera o que era humilhação.

Lucas esquecera o que era discriminação.

E aconteceu um dia o encontro de Mila com Pretinho. Os dois cachorros amigos estavam muito velhos. Eles já estavam com dificuldades de andar, enxergavam com deficiência e a audição estava fraca.

Mas, isto não impediu que os dois ficassem muito alegres ao se verem. Eles tentavam pular um no outro, como nos velhos tempos. Eles se lambiam, se cheiravam, abanavam o rabo mostrando grande entusiasmo e alegria.

Pretinho nem notou que Mila estava cega de um olho...

Mila nem deu importância que Pretinho era manco de uma perna...

Afinal, os dois cachorros sempre foram amigos de verdade! Amigos de verdade são assim mesmo. Eles não ligam para estas coisas!

Lucas e Ditinho, Mila e Pretinho ficaram amigos para sempre.

E nada mais os separou...

FIM